

DEVOÇÃO E SOLIDARIEDADE NO CÍRIO DE NAZARÉ EM BELÉM DO PARÁ

DEVOTION AND SOLIDARITY IN THE CÍRIO DE NAZARÉ IN BELÉM DO PARÁ

Rodrigo Oliveira dos Santos¹

Resumo: Este artigo buscou analisar como a devoção mariana mobiliza e sensibiliza a solidariedade, especialmente aquela dispensada aos devotos durante a festividade do Círio de Nazaré em Belém do Pará, que tem o seu ápice na procissão de abertura realizada no segundo domingo de outubro. Essa solidariedade vem se tornando notável na festividade com a participação da Igreja Assembléia de Deus localizada no percurso da procissão principal. Dessa forma, este estudo foi desenvolvido com base na pesquisa bibliográfica e na observação participante, a fim de compreender melhor alguns aspectos da solidariedade manifestada pela Assembleia de Deus, apesar de não ser exclusiva desta, que ao mesmo tempo em que oferece cuidados, alimentação e acolhimento aos devotos e romeiros fadigados durante a procissão, apropriam-se de alguns objetos simbólicos da festividade e o momento oportuno para mostrarem porque se fazem presentes.

Palavras-chave: Círio de Nazaré; devoção; solidariedade; Assembleia de Deus.

Abstract: This article sought to analyze how Holy Mary's devotion mobilizes and sensitizes solidarity, especially the one given to devotees during the festivity of the Círio de Nazaré in Belém do Pará, which has its culmination in the opening procession held on the second Sunday in October. This solidarity has become remarkable in the festivity with the participation of the Assembleia de Deus Church located in the route of the main procession. In this way, this study was developed based on bibliographical research and participant observation, in order to better understand some aspects of the solidarity manifested by the Assembleia de Deus Church, although it is not exclusive of this, which at the same time provides care, food and welcome to devotees and pilgrims fatigued during the procession, appropriate some symbolic objects of the festival and the opportune moment to show why they are present.

Keywords: Círio de Nazaré; devotion; solidarity; Assembleia de Deus.

Introdução

A riqueza da diversidade cultural religiosa brasileira não se limitou a nenhuma barreira física, geográfica e cultural diante do contato entre os diferentes povos que formaram esta nação. Inúmeros são os estudos que destacam como esse contato enriqueceu as práticas culturais religiosas, permitindo que sempre ficasse um pouco ou muito do outro no outro, sem que esses perdessem suas raízes, sejam elas de além-mar ou não.

¹ Doutorando em Ciência da Religião (PUC-SP). Bolsista da CAPES. E-mail: naumamos@yahoo.com.br

O Círio de Nazaré é um grande exemplo disso. Traduz o Cristianismo Católico Ibérico na Região, sem negar as contribuições culturais dos povos nativos e daqueles que foram forçados a virem para o Brasil, como os africanos. Essas contribuições estão explícitas e implícitas de diversas formas, mesmo que às vezes possam parecer latentes e não reconhecidas, é difícil não admitir o impacto dessas culturas na festividade e os seus efeitos na sociedade paraense e brasileira.

O Círio é de longe uma manifestação do catolicismo popular que mobiliza o mundo. Estudá-lo ou vivenciá-lo é sempre uma experiência que produz novos sentidos e significados em nível cognitivo, mas em termos humanos é uma experiência universal do poder da fé humana.

Tentando compreender melhor como essa devoção mariana mobiliza a solidariedade em outros contextos religiosos, entre até aqueles considerados opostos, mostrou o caráter intencional e por isso mesmo adaptativo, que as religiões podem assumir em relação a si mesmas ou as outras na sociedade.

O Círio, assim como outras manifestações da religiosidade brasileira não está totalmente desconectado de seu próprio contexto, por isso a necessidade de adaptação. No quesito intencional, a adaptação pode estar marcada por interpretações bem mais pragmáticas para assim alcançar o efeito desejado.

Esse cenário é bem recorrente e pode até ser encarado com naturalidade por aqueles que são acolhidos. A noção de *communitas* de Turner, segundo Alves (1980) traduz bastante esse aspecto da solidariedade prestada pela Assembleia de Deus durante a procissão principal, com o reconhecimento do outro, de um vínculo social generalizado, de indivíduos iguais.

Dessa forma, este artigo buscou conhecer, com base na pesquisa bibliográfica e documental, mediada pela observação participante, como a devoção mariana é marcada pela solidariedade expressa pela Igreja Assembleia de Deus durante o Círio de Nazaré.

1 Círio de Nazaré: raízes históricas da devoção mariana

A devoção mariana está no centro das festividades católicas populares no Brasil e não passa despercebida em outras tradições religiosas, como vem ocorrendo durante o Círio de Nazaré. Iniciada no segundo domingo de outubro, em Belém do Pará, a festa religiosa reúne mais de dois milhões de pessoas e é considerada a maior romaria do planeta.

Decorrente do latim *cereus*, a palavra *círio* significa vela grande de cera, que em Portugal era carregada pelas pessoas que se dirigiam ao Santuário de Nazaré, sendo

posteriormente designados como romeiros. Logo, os romeiros carregam as velas de cera ou círios durante as peregrinações ou romarias (IPHAN, 2006). Os círios, levados pelos devotos durante as peregrinações e romarias, também serviram para nomear as referidas festividades e já eram realizados em Portugal desde o século XV.

Assim aconteceu em Belém do Pará e se consagrou como *O Círio de Nazaré*, expoente da fé católica local e que teve sua origem mítica anterior à ocupação do Novo Mundo, remontando a instituição da tradição católica como destaca Gomes:

Em Portugal, a fé na santa já era conhecida nos séculos XV e XVI. Mas a história é bem anterior. A imagem original da virgem de Nazaré, por exemplo, pertencia ao Mosteiro de Caulina, na Espanha, e teria saído da cidade de Nazaré, em Israel, no ano de 361, tendo sido esculpida por São José. Em decorrência de uma batalha, a imagem foi levada para Portugal, onde por muito tempo, ficou escondida no Pico de São Bartolomeu. Só em 1119, a imagem foi encontrada. A notícia se espalhou e muita gente começou a venerar a Santa. Desde então, muitos milagres foram atribuídos a ela. No século XVI, o navegador espanhol Francisco de Orelana percorreu todo o rio Amazonas, do Peru até o Atlântico. Muito do avanço da devoção mariana se deve pelo domínio desses aventureiros nas águas da região (GOMES, 2017, p. 22).

Os dados apresentados por Gomes demonstram que a devoção à santa já era realizada desde o século XII, contando com o protagonismo ibérico, tanto na Europa como no Novo Mundo. Mesmo havendo controvérsias, as histórias míticas sobre a origem da santa podem adquirir várias versões.

Dessa forma, foi atribuída aos portugueses a chegada da devoção em terras brasileira numa localidade paraense chamada de Vigia, onde se incorporaram vários elementos litúrgicos e simbólicos (ALVES, 2005; IPHAN, 2006; TINHORÃO, 2012).

O município de Vigia hoje, localizado no nordeste paraense, foi a cidade de entrada da devoção nazarena, iniciada em 1653 pelos padres jesuítas, mas o Círio como romaria que pressupõe o deslocamento da imagem de um lugar ao outro só ocorre na cidade na metade do século XIX, após a institucionalização do primeiro Círio (1793) em Belém (IPHAN, 2006).

Mas a origem mítica da devoção é bastante curiosa e tem como protagonista o caboclo agricultor e caçador Plácido José dos Santos, que andava pelas matas da estrada do Utinga (Avenida Nazaré atualmente). Por volta de 1700, sentindo sede, dirigiu-se às margens do rio Murutucu, onde hoje é a Basílica de Nazaré, encontrando entre as pedras e cobertas de trepadeiras (vegetação rasteira local) a imagem de Nazaré (IPHAN, 2006).

Plácido não hesitou e a levou para casa. No dia seguinte, ao acordar percebeu que ela não estava onde havia deixado. O desaparecimento o assustou e logo decidiu retornar ao lugar onde a tinha encontrado. Então ele percebeu que a imagem tinha retornado ao mesmo lugar.

Esse acontecimento se repetiu por várias vezes. Tornando-se conhecido na cidade, inclusive pelos governantes da época que levaram a imagem ao Palácio do Governo, onde passou a noite em vigília pelos soldados. “Mas, no dia seguinte a santa foi de novo encontrada às margens do igarapé, no mesmo lugar para onde sempre retornava, com gotas de orvalho e carrapichos presos a seu manto, numa ‘prova’ de longa caminhada através da estrada: a santa ‘viva’ novamente se locomovera por seus próprios meios” (IPHAN, 2006, p. 12).

A descoberta da imagem em 1700 mudou profundamente a religiosidade católica. A santa, o caboclo, as águas, a mata e os milagres não pararam mais de acontecer. A compreensão de que às margens do igarapé a devoção deveria continuar desembocou na construção de uma ermida (1720) pelo próprio Plácido, que logo passou a atrair devotos de vários lugares, como lenhadores, vizinhos, curiosos e moradores da cidade que, “a cada ano aumentava o número dos que iam até a cabana do caboclo a fim de ofertarem ex-votos – objetos de cera representando membros do corpo humano, muletas ou retratos, forma utilizada pelos fieis para demonstrar o reconhecimento por graças alcançadas – aos pés do altar” (IPHAN, 2006, p. 12).

Em setembro de 1790, o Vaticano autorizava a homenagem à santa, resultando após, em 1793, na oficialização da procissão pelo atual governador Dom Francisco de Souza Coutinho, que adoeceu dias antes prometendo que, se melhorasse levaria a santa até a capela do Palácio do Governo. Mais uma vez o pedido foi ouvido e a promessa cumprida no dia 8 de setembro por Francisco Coutinho. No dia seguinte foi celebrado o primeiro Círio de Nossa Senhora de Nazaré (GOMES, 2017).

A partir daí o Círio passou a ocorrer no segundo domingo de setembro até início de 1900. O percurso também foi alterado, pois até então “[...] saía da capela do Palácio do Governo em direção à ermida no igarapé Murutucu” (GOMES, 2017, p. 22).

Gomes (2017) relata que “em 1882, o bispo Dom Macedo Costa decidiu que o ponto de partida seria a Catedral”, como é até os dias atuais, mas destaca que as ruas de Belém não eram asfaltadas, provocando assim grandes atoleiros, devido às cheias da baía do Guajará que banhavam grande parte do percurso.

Nessa época, a berlinda com a santa era puxada por bois, que não davam conta dos atoleiros, sendo assim introduzida a corda como recurso auxiliar. Em 1868 a corda é incorporada à celebração e passa ganhar destaque como ícone de ligação dos devotos ou romeiros à santa.

Em 1901, Dom Francisco do Rêgo Maia estabeleceu o segundo domingo de outubro como a data oficial do Círio. Em 1916 insere-se o carro dos milagres. Em 1920, inaugura-se a Basílica de Nazaré.

Em 1950, a carroça de boi é substituída definitivamente pela corda, frente aos riscos que ofereciam a multidão que aumentava a cada Círio. Em 1966, a imagem original é substituída por uma peregrina na procissão. Em 1978, inicia-se “a festa das filhas da Chiquita²”. Em 1886, inicia-se a romaria fluvial e, em 1988, é estabelecido o percurso definitivo da translação, ou seja, o inverso da procissão principal, que vai da Basílica a Catedral Metropolitana.

Em 1989, é criada a romaria rodoviária (a imagem sai de Belém em procissão rumo ao município vizinho – Ananindeua – onde no outro dia segue para o trapiche (porto) do distrito de Icoaraci, em Belém, dando início a romaria fluvial). Em 1990, inicia-se o Círio das crianças e a Romaria dos motoqueiros, mais conhecida como Moto-romaria.

Em 1993, realizou-se o primeiro Auto do Círio (encenação teatral) e, no ano de 2000, foi realizado o Círio mais longo da história, durando aproximadamente 10 horas.

Mais as coisas não pararam por aí. Em 2013, o Círio de Nazaré é declarado pela UNESCO Patrimônio Cultural da Humanidade e, em 2015, a festa religiosa reuniu nas ruas de Belém cerca de 2,8 milhões de fiéis (DIÁRIO DO PARÁ, 2017, p.53), quase o dobro da população da cidade.

A magnitude da festividade vem crescendo gradativamente, com adesão de mais romeiros, turistas, artistas, famosos, lideranças políticas, entre outros, nos últimos anos. Desde seu início, em 1793, com dez mil romeiros, que dobra em um século e após outro chega casa de dois milhões, representando um crescimento proporcional aos anos de existência da festividade, ou seja, mais de dois séculos.

Todo esse crescimento esteve relacionado no início a uma origem popular. Mesmo que o primeiro Círio tenha partido do governo da época, a devoção à santa reuniu todos numa comunhão solidária:

² É uma das celebrações ligada ao Círio e a Festa de Nazaré repudiada pela diretoria da festividade e autoridades eclesásticas. Sua origem consiste “Nos carnavais de 1975 e 1976, grupos homossexuais e simpatizantes de Belém organizaram um bloco carnavalesco que saía das proximidades do extinto presídio São José, percorrendo as ruas do centro da cidade, até o Bar do Parque. Foi a origem da polêmica *festa das filhas da Chiquita*. Esse evento tem início na noite do sábado que precede a procissão principal do Círio e acontece, desde 1978, num dos lugares por onde passam as procissões da *trasladação* e do Círio, em frente ao chamado Bar do Parque, na praça da República. O bar, que funciona 24 horas, fecha apenas no dia do Círio. Lá aconteceu, em 1977, a *festa de Santo Antônio Casamenteiro*, com a entrega, pela primeira vez, dos prêmios “Veado de ouro” e “Rainha do Círio”. No mesmo ano realizou-se a “transveadação” (referência à *trasladação*) do veado de ouro do bairro da Cidade Velha até o Bar do Parque” (IPHAN, 2006, p. 58).

Há, ao longo de sua história, uma espécie de “apropriação popular” de uma festa que foi inicialmente oficializada para sacralizar o poder na Província, transformando-a no grande evento por meio do qual as diferentes camadas sociais vivem, a partir de um símbolo comum, a Virgem de Nazaré, uma experiência comunitária sem igual (ALVES, 2005, p. 317).

Essa experiência comunitária foi agregando vários elementos de outras culturas, do imaginário local, das manifestações e práticas populares, evidenciando duas dimensões no Círio, uma devocional, de caráter formal e oficial presidida pela Igreja e outra informal, popular, presidida pelo povo, porque

Compreender as duas dimensões, devocional e informal, significa compreender o verdadeiro sentido da *Festa*, pois, ao conduzir a Santa padroeira, os devotos estabelecem com ela uma relação direta, não mediada pela hierarquia religiosa, situação essa, aliás, que, ao longo da história do Círio de Nazaré, foi sempre um ponto de tensão em razão da qual ocorreram as grandes questões do Círio (ALVES, 1980, p. 94) A realização *popular* sempre se impôs como expressão de uma religiosidade que se impregnou de outros valores além dos religiosos *strictu senso* (ALVES, 2005, p. 317).

Isso fica bem mais claro nas palavras de Tinhorão (2012, p. 19): “A procissão é da Igreja e o círio de do povo”. Logo, para os autores, o Círio é do povo e para o povo, que transforma todos em um só. As formalidades afastam as pessoas umas das outras. Estabelecem barreiras, produzem separações, mas a santa os une numa comunhão solidária.

As santas ou virgens escolheram os mais simples, caboclos, nativos, camponeses e pescadores que as encontram, a exemplo de Nazaré, Fátima, Guadalupe e Aparecida:

Assim, na origem, supõe-se que os pobres, os desvalidos, os piedosos, os que não dispõem de poder, é que são capazes do milagre da visão do santo. Dessa forma, a devoção institui-se como um “culto popular” nascido no meio do povo, que pela fé – verdadeira – tem acesso aos poderes miraculosos da Virgem (ALVES, 2005, p. 321).

Dessa forma, a festa, a devoção, o culto, a procissão e o ritual foram se organizando mediante a participação popular, seguindo inicialmente a lógica ibérica e adaptando-se muito bem a local (ALVES, 1980; 2005; TINHORÃO, 2012; ARAUJO *et al.*, 2015).

Essa adaptação, às vezes está cercada por ambiguidades e tensões, como já apontadas acima na dicotomia entre formal e informal, oficial e popular, sagrado e profano, cristã e pagã, etc.

Contudo, justamente por sua abrangência, festas deste tipo tendem a extrapolar os limites do sagrado e do religioso, mesclando, a despeito das autoridades religiosas, o sagrado e o profano, o oficial e o oficioso o cristão e o não-cristão. Para além das origens comprovadamente pagãs de tais festas, esse fato social total assegura a união indissociável do verso e anverso da mesma moeda que constitui a vida cotidiana do povo, vida cotidiana esta que a festa dinamiza ao interferir na rotina imposta pela ordem estabelecida (ARAUJO *et al.*, 2015, p. 2).

Essa extrapolação é compreensível e apontam para as origens das procissões nos antigos povos pagãos. As caminhadas coletivas pagãs aos seus locais sagrados, próximos a

árvores, montes, rios, cavernas, entre outros, nas procissões, peregrinações, romarias e círios católicos adquirem as mesmas características, com a incorporação de elementos novos no deslocamento, como a busca de relíquias sagradas, os locais onde os milagres aconteceram, as aparições, achado de imagens de santas que resultam na construção do santuário, entre outros.

Os elementos pagãos associados à sacralidade da natureza não deixam de aparecer, pelo contrário, são tão importantes como os achados e os milagres realizados. Plácido todas as manhãs se deslocava ao mesmo lugar onde encontrara a santa. Da mesma forma aconteceu no Palácio do Governo, mesmo estando ela entre os guardas de plantão, a santa amanhecera no mesmo local. No mangue, entre árvores e águas, compreenderam que o local de devoção deveria ser lá, construindo em seguida uma simples ermida de palha até chegar ao suntuoso santuário.

Esses aspectos são bem explorados por Alves (1980; 2005), Tinhorão (2012), Araujo *et al.* (2015). Nesses aspectos, Alves (1980; 2005) ressalta o caráter festivo do Círio com a expressão “O carnaval devoto”; Tinhorão (2012) destaca a participação dos negros nas festas católicas portuguesas durante os séculos XV a XX, que intensificou o caráter festivo das procissões. E Araujo *et al.* (2015), a partir de um estudo psicoantropológico da simbologia afro-religiosa, identifica vários elementos sincréticos comuns entre *Nazaré* e *Oxum*, assim como contribuições na dimensão lúdico-profana durante a festividade, com o Arrastão do Pavulagem, o Auto do Círio e a Festa ou Baile da Chiquita.

Todos os autores acima destacam o caráter festivo das devoções marianas. As evoluções históricas das festividades ibéricas desenvolveram-se por incorporações, apropriações, sincretismos e adaptações de práticas religiosas já existentes e que o contato com outros povos possibilitou acentuar ainda mais o caráter festivo das devoções, inclusive daquelas que chegaram ao Brasil, como o Círio de Nazaré. Nesse aspecto, a presença africana tem se destacado bastante.

2 História do movimento pentecostal: da Missão de Fé Apostólica a Assembleia de Deus

De uma história singular, o Movimento Pentecostal chegou ao Brasil em 1910, com a fundação da Congregação Cristã do Brasil (CCB) e em 1911, a Igreja *Missão da Fé Apostólica*, vindo a ser chamada posteriormente Igreja Evangélica Assembleia de Deus (AD).

Esse movimento religioso teve início no contexto europeu, mas foi no Norte Americano que ele se desenvolveu bastante, após o batismo no Espírito Santo dos missionários suecos Daniel Gustav Högberg (1884-1963), e Adolph Gunnar Vingren (1879-1933) no início do século XX, fundadores da AD.

A referência ao Movimento encontra-se no cap. 2 do livro de Atos dos Apóstolos, que no título retrata *a descida do Espírito Santo*, comumente assumida na tradição como *o batismo no Espírito Santo*, que seria um estado de espírito marcado de alegria elevada, com a manifestação evidente da glossolalia (falar línguas estranhas ou desconhecidas), principalmente.

Campos utiliza o termo pentecostalismo para identificar o movimento que apresenta no seu discurso e prática o

Batismo com o Espírito Santo, a “segunda bênção” acessível ao cristão; Glossolalia (falar em línguas estranhas aos ouvintes), sinal externo do recebimento do Espírito Santo na vida; adoção de uma ética exemplar do crente no mundo, que se expressa numa atitude de recusa das formas tradicionais de se organizar a vida na sociedade; fervorosa atividade proselitista; expectativa da volta imediata de Jesus a este mundo, causando o fim da história humana; possibilidade de revelação direta de Deus ao indivíduo, através de “profecias”, “sonhos”, “visões”; ênfase no ministério da cura física e espiritual dos enfermos; atribuição à figura de Satanás e seus demônios a causa de todos os males, havendo portanto a necessidade de exorcizá-los da vida das pessoas possuídas (CAMPOS, 1995, p. 23).

Para o autor, essas características vêm sendo identificadas na história do próprio Cristianismo desde a *Igreja Primitiva*, sob os mais diversos aspectos elucidados acima, com manifestações estáticas e místicas incentivadas por lideranças carismáticas, mas tiveram maior repercussão nos movimentos de avivamento protestante, principalmente entre os metodistas no século XVIII na Inglaterra.

Logo o movimento chega às colônias da América do Norte, ganhando forte tendência emotiva, diferenciando-se dos demais protestantes que centravam seus discursos na razão humana. Isso fez do metodismo e dos avivalistas os precursores do pentecostalismo moderno, segundo Campos

Nos Estados Unidos o avivalismo despertou, ao lado da “religião do coração”, uma religiosidade anti-intelectualista, de combate à teologia escolarizada e ao clero, denunciados como “fariseus ortodoxos” ou “letrados desprovidos de fê”. O crescimento do movimento reavivacionista, em direção às igrejas pioneiras (onde havia pessoas de pouca cultura escolarizada), gerava manifestações físico-religiosas com uivos, guinchos e quedas de pessoas que se contorciam no chão. A raiz metodista iria influenciar os novos movimentos surgidos nos EUA, a partir de então, com a ênfase na santidade de vida e na busca daquela luz interior que brota da experiência imediata do indivíduo com Deus (CAMPOS, 1995, p. 25).

A ênfase na experiência emotiva pessoal na busca da segunda bênção se intensificou e se destacou em dois pontos geográficos: a Escola Bíblica Betel, em Topeka, no Kansas e num antigo templo metodista na famosa Azuza Street, nº 312, em Los Angeles, na Califórnia (CAMPOS, 1995; 2005).

Campos (1995; 2005) destaca dois avivalistas desses pontos geográficos: Charles Fox Parhan (1873-1929) e Willian Joseph Seymour (1870-1922). Charles F. Parhan, que foi

pastor metodista por pouco tempo, ficou conhecido como *o pai do reavivamento pentecostal do século XX* e se tornou conhecido em 1901 quando diretor-fundador da Escola Bíblica Betel. Parhan, mesmo não sendo batizado com o Espírito Santo incentivava seus alunos a buscarem o batismo, cuja confirmação se daria pela glossolalia, o que aconteceu com uma de suas alunas, Agnes N. Ozman Laberge (1870-1937) e meses depois com o próprio Parhan (CAMPOS, 2005).

A experiência se espalhou no grupo, levando a novidade a outras localidades do país. Foi quando em Houston, no Texas, ao iniciar a escola bíblica se depara com um aluno negro, filho de ex-escravos de Louisiana, que por conta da atitude racista de Parhan assistia a sua aula do lado de fora. Esse aluno era Willian J. Seymour.

Willian J. Seymour, católico quando criança, batista na adolescência e na juventude metodista ficou conhecido como “o negro profeta de Azuza Street”, que assumiu um templo metodista abandonado no bairro negro de Los Angeles que emitia “gritos, convulsões, profecias, glossolalias, curas, milagres, prodígios e toda a sorte de coisas, que rapidamente chamou a atenção da imprensa e, por meio dela, de todo o país” (CAMPOS, 2005, p. 110).

Segundo o autor, em 18 de abril de 1906, o jornal *Los Angeles Times* destacava a matéria que seus repórteres estavam diante de “*uma sobrenatural babel de línguas e de uma nova seita de fanáticos* formada em sua maioria por negros e imigrantes pobres, liderados por um pregador negro” (CAMPOS, 2005, p. 110).

A repercussão foi tão grande, que a Seymour é atribuída um papel central na história e disseminação do pentecostalismo no mundo (CAMPOS, 2005; FAJARDO, 2015). A fama de Seymour atraiu admiradores de vários lugares do país e do mundo para a Missão da Fé Apostólica, na Azuza Street. Dentre eles se destacou William Howard Durham, pastor batista de Chicago que foi batizado com o Espírito Santo em 1907.

Ao retornar a Chicago, Durham adota as ideias de Seymour, dando ênfase na unidade da conversão com a santificação e no batismo com o Espírito Santo, atraindo também vários admiradores como o italiano Luigi Francescon e os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, missionários que iniciaram o movimento pentecostal no Brasil, em 1910 e 1911, respectivamente (CAMPOS, 1995; 2005; PASSOS, 2005; FARJADO, 2015).

O missionário Luigi Francescon (1866-1964), de origem presbiteriana, é o responsável pela fundação da CCB em São Paulo e no Paraná em 1910. Já os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, de origem batista, dos quais falaremos melhor abaixo, chegam a Belém no mesmo ano, mas somente em 1911 após a cisma com a Igreja Batista

local que os acolheu fundaram a Missão de Fé Apostólica, vindo a ser chamada Assembleia de Deus somente em 1918.

Os dois missionários se encontraram pela primeira vez em 1909, numa conferência organizada pela Primeira Igreja Batista (PIB) Sueca em Chicago, passando a compartilhar seus anseios missionários. Em 1910, receberam seu chamado missionário por meio de uma profecia de um irmão chamado Olof Uldin, de South Bend, em Indiana, EUA.

Segundo relatos do próprio Gunnar Vingren a mensagem profética revelava que eles deveriam ir ao Pará levar a mensagem do evangelho. Dizia também que era um povo muito simples e humilde. Um fato interessante nesse relato é que a profecia era transmitida na língua local “Naquela ocasião, tivemos o imenso privilégio de ouvir através do Espírito Santo a linguagem daquele povo, o idioma português”, conforme destaca o Centro de Pesquisa do Museu Nacional da Assembleia de Deus (MNAD, 2011, p. 9).

Após a profecia eles sequer sabiam onde ficava o Pará, indo no dia seguinte a biblioteca da cidade descobrindo que ficava no Norte do Brasil. Os missionários saíram de South Bend para Chicago e após Nova York e só depois seguiram para o Brasil, percorrendo 12.390 km (MNAD, 2011, p. 11).

A dificuldade era a companhia desses dois novos missionários, pois não conheciam o idioma, não tinha condições financeiras e desconheciam a realidade local. Eles chegaram a bordo do Navio Clement em 19 de novembro de 1910, no auge do Ciclo da Borracha, momento pelo qual Belém passava por um enorme crescimento econômico decorrente da extração de látex da seringueira (árvore nativa na região) e comercialização da borracha, proporcionando a modernização e urbanização da cidade, e rendendo-lhe o *status* de *Paris no Brasil*.

Como eram batistas, foram recebidos pelos irmãos locais e convidados a residir no porão da Igreja, que logo se transformou em púlpito e palco de avivamento das experiências trazidas dos EUA. Em 1911, as reuniões de avivamento culminaram no batismo com o Espírito Santo da irmã Celina Albuquerque, iniciando assim o maior movimento religioso evangélico do país: o movimento pentecostal brasileiro sob o protagonismo dos missionários suecos.

O movimento pentecostal se destaca pelos dons do Espírito Santo que passam a ser evidenciados inicialmente no batismo, com o dom de línguas estranhas, entre outros, baseado no texto bíblico de Atos dos Apóstolos acerca do relato sobre a descida do Espírito Santo.

O movimento cresceu no porão e foi acusado de práticas espíritas, divergências doutrinárias, resultando na exclusão dos missionários e seus seguidores da PIB, de acordo com a Ata nº 222, de 13/06/1911 (MNAD, 2011).

O desligamento não adiou mais a fundação da maior Igreja Evangélica do país³, iniciada no dia 18 de junho de 1911, na sala da casa da irmã Celina. O primeiro nome da Igreja foi *Missão da Fé Apostólica*, o mesmo utilizado nos EUA, seguido de Assembleia de Deus (1914), o que permanece até hoje. A Igreja cresceu e se espalhou rapidamente pelo país e pelo mundo. A distância e condições não foram obstáculos para uma Igreja que possui a marca missionária, como a Assembleia de Deus (MNAD, 2011).

De conhecimento desse rico registro histórico que compõe a diversidade cultural religiosa belenense parte-se agora para o diálogo com outra grande expressão da religiosidade católica local, o Círio de Nazaré, localizando as possíveis aproximações com a devoção a Maria durante essa festividade.

Na verdade, pairava uma enorme curiosidade sobre a participação da AD, localizada no percurso do Círio, mais precisamente na Avenida Nazaré, esquina da Rua Dr. Moraes. A localização acabava por definir a Igreja, aqui chamada de AD da Dr. Moraes, que há seis anos vem prestando assistências aos devotos e romeiros de Nazaré durante o Círio.

A Igreja, atualmente está sob a responsabilidade do pastor Zildomar da Silva Campelo, 52 anos, comerciário com 30 anos de profissão, autor e coordenador do Projeto *Eu + Você = Jesus*, iniciado em 2012. O Projeto envolve praticamente toda a Igreja, desde crianças a idosos, ganhando a cada ano mais adesões, a exemplo das pessoas vindas de outras cidades do Pará para contribuir como constatado pela observação participante no Círio de 2017.

Segundo o idealizador do Projeto, o objetivo consiste no resultado da operação matemática que dá título ao mesmo e que é registrado nas camisas e nos leques utilizados durante a procissão principal, ou seja, $Eu + Você = Jesus$, o que os aproximam dos católicos. E com base nos ensinamentos de Jesus aponta para importância da prática do amor ao próximo e a promoção da paz.

Emponderado no discurso sobre Jesus, com interpretação bíblica, o pastor destaca que a AD que dirige é a única dentre as outras que presta esse serviço de apoio simplesmente pelo fato de estar localizada no percurso da romaria. Destaca também que não existe a

³ Segundo o último Censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a AD conta com 12.314.410 membros, sendo a maior denominação evangélica do Brasil.

devoção à santa e nenhuma relação vinculativa com o Círio, a preocupação central está focada nas pessoas, nos romeiros em si, em outras palavras, *nas almas*, como veremos melhor abaixo.

2.1 A Assembleia de Deus como a segunda Casa de Plácido

A solidariedade experimentada no Círio já alimentou a produção de uma tese:

Uma das características do Círio de Nazaré, que têm chamado a atenção dos estudiosos, é a capacidade de suscitar e produzir, no período da festa, *comunhão humana e solidariedade social*. Esta é a grande força, a maior virtude desta festa popular e o que motivou essa tese (AZEVEDO, 2008, p. 8).

Essa força e essa virtude que emana do povo, onde anônimos se encontram, se entendem e se unem entre a devoção e gratidão a Maria mobiliza outras pessoas a compartilhar dessa comunhão.

A solidariedade, bem mais que uma palavra, demonstra uma atitude e ação que pode ser compreendida como a disposição humana para querer bem o outro, ajudando, prestando apoio, favorecendo condições melhores e amenizando seu sofrimento.

Azevedo (2008) usa muitos recursos para falar da solidariedade, seja a partir dos textos bíblicos, das bulas papais ou de estudiosos dessa grandiosa festa, destacando em seus estudos o pensamento do teólogo Luís Segundo para o qual a solidariedade transcende nossa humanidade.

Para quem já viu de perto o Círio uma ou várias vezes sabe muito bem o que é isso. Mas como entender essa transcendência a partir de um cristianismo considerado no senso comum como antagonico?

Sobre isso, vamos discorrer um pouco sobre a questão levantada mais acima que coloca a AD da Dr. Moraes como a segunda Casa de Plácido, para então podermos chegar a uma compreensão melhor da solidariedade prestada durante a procissão principal, que ocorre no segundo domingo de outubro.

A Casa de Plácido, muito bem nomeada pela Igreja Basílica Santuário de Nazaré, foi construída em 2009 e inaugurada em 2010, e desde sua construção vem recebendo romeiros e devotos de todos os lugares. A Casa possui mil metros quadrado de área, ficando localizada no térreo do Centro Social de Nazaré.

O objetivo da Casa de Plácido é a primeira acolhida, de forma digna, aos devotos, romeiros e peregrinos que chegam durante o Círio caminhando, pagando promessas, fadigados ou acometidos por intempéries nesse período.

Na Casa existem várias equipes voluntárias, que cuidam de demandas específicas, como profissionais de saúde, alimentação, limpeza, arrecadação, entre outras coisas. As doações ocorrem durante o ano inteiro e claro, os trabalhos na Casa de Plácido aumentam com a chegada do Círio, dia de trabalhos mais intensos, deixando o local quase intransitável, mas sempre se encontra uma forma de acolher quem a ela se dirigir.

Um exemplo da importância desse espaço pode ser compreendido nos anos anteriores a sua construção. O Círio recebeu em 2007 mais de dez mil romeiros que vieram caminhando de outros municípios.

Logo após a inauguração da Casa de Plácido, de forma quase que simultânea, em 2011, a AD da Dr. Moraes resolve, sob a coordenação de seu pastor que continua até hoje, transformar o espaço de culto e comunhão da comunidade assembleiana, na “segunda Casa de Plácido”, denominação que decidimos usar para melhor expressar o que vem sendo acompanhando com mais propriedade nesses dois anos.

Plácido, em 1720, decide construir uma simples ermida de palha para a santa que retornava todas às vezes durante a noite ao local onde foi encontrada. Daniel Berg e Gunnar Vingren iniciam o maior movimento pentecostal do Brasil no porão da recém-fundada Igreja Batista. Dois eventos motivados pela fé, um pela devoção e outro pela solidariedade que modificaram profundamente as estruturas religiosas no país, tornando-se ambas nos expoentes da fé católica e evangélica brasileiras, respectivamente.

A AD inicia suas atividades para atender os devotos e romeiros com mais efetividade na quarta-feira da semana inicial do Círio com o *culto das primícias*, em que os membros em sua maioria celebram com uma mesa farta de alimentos, incluindo pães, bolos, frutas, tortas, entre outros, acompanhados das doações para o café a ser servido no domingo, por ocasião da procissão principal.

Lembrando também que o projeto vem se firmando durante o ano inteiro, no que se refere às doações e estratégias para acolher os “irmãos católicos”. Isso incluiu o material entregue no dia, como os leques, CD com músicas evangélicas selecionadas; a ornamentação, por isso a importância das doações; as músicas ambientes e ao vivo no espaço fechado da igreja; a preparação para o dia e a parceria que estabelecem com outras instituições e organizações não governamentais, como bombeiros, secretarias municipal e estadual de Saúde, Cruz Vermelha, empresários, voluntários, entre outros.

Não muito diferente da organização da Casa de Plácido, a AD da Dr. Moraes organiza equipes específicas também, para cuidar da ornamentação do templo, do café, da

entrega de água, limpeza, entre outros, estando todos caracterizados com o tema do projeto inscrito nas camisas, nos leques, nos CDs e nos baldes que utilizavam para entregar água.

Ao ver a cooperação entre os membros e aqueles que chegam de outras igrejas a fim de se integrar ao projeto é possível lembrar as palavras de Azevedo (2008), ao se referir ao Círio como a festa que mobiliza tanto a comunhão humana e a solidariedade social, permitindo compreender a expressão que diz que *o Círio é o Natal dos paraenses*.

Na noite anterior ao Círio, a igreja estava aberta para acolher os devotos e romeiros durante a transladação (percurso contrário ao Círio). A preparação levou a noite inteira e as equipes voluntárias se dividiram entre organização do café e vigílias com orações e cânticos com o objetivo de “entrega a Deus” o projeto e as pessoas que ajudariam no dia seguinte.

Durante o café da manhã foi possível conversar com devotos e romeiros que elogiaram a arrumação e climatização do local, além da fartura de opções de alimentos. Alguns compararam a AD da Dr. Moraes com a Casa de Plácido. Uma das famílias ouvidas relatou que era o quarto ano que eles usufruíam do “delicioso café oferecido pela AD”. Pareciam satisfeitos e agradecidos e chegaram a desejar que o exemplo fosse seguido por outras religiões.

Na conversa em outras mesas as expressões de agradecimento se repetiram. Mesmo naquelas que relataram ser a primeira vez que passavam por ali. Enquanto o mar de gente passava lá fora, a fila crescia na AD para o café solidário.

Nesse aspecto, o Círio de Nazaré é uma festa capaz de suscitar e produzir a comunhão humana e a solidariedade social (AZEVEDO, 2008), mesmo que esse reconhecimento seja por um dado momento, ele está marcado por um vínculo social generalizado que permite o encontro de diferentes numa festa de iguais (ALVES, 1980; 2005; TINHORÃO, 2012; VICTORASSO, 2014).

3 A solidariedade como trabalho missionário

O trabalho voluntário da AD para os romeiros do Círio também recebe espaço mídia local. A esse aspecto, não visto com bons olhos por muitos cristãos e algumas igrejas evangélicas, demonstram uma perspectiva analítica muito comum nessas religiões, o fenômeno de ruptura e continuidade (CAMPOS, 2005).

Maria, mesmo sendo considerada a mãe de Jesus por ambas as religiões, não é compreendida da mesma forma, por isso que ela ocupa lugares diferentes nas respectivas crenças. Isso pode implicar, ao mesmo tempo, no fenômeno de ruptura em crenças basilares e,

ao mesmo tempo, na continuidade das mesmas, permitindo a adaptação e a proximidade com as crenças locais.

Tanto no Círio quanto na AD, essas implicações podem ser observadas e muito bem contextualizadas na origem e surgimento da festividade e da instituição, respectivamente. Por exemplo, a devoção mariana, na sua origem portuguesa, teve seu caráter festivo assegurado graças à presença africana (TINHORÃO, 2012). Entre a “Missão da Fé Apostólica” (1911), após Assembleia de Deus (1918), na sua formação norte-americana, não fora diferente (CAMPOS, 2005; 1995).

Tinhorão (2012), ao destacar as origens das procissões nas religiões consideradas pagãs, devido ao politeísmo, aponta para a evolução das mesmas em seus aspectos teatrais que se tornarão presentes nas festividades de círios e romarias. O Círio de Nazaré é uma confirmação bem atual desse aspecto, manifesto no Auto do Círio, Arrastão do Pavulagem e a Festa da Chiquita.

Araujo *et al.* (2015) destaca o caráter sincrético da festividade com os cultos afros em seus diversos elementos simbólicos, manifestadas nas expressões acima citadas. Além disso, podem-se reconhecer vários elementos da cultura indígena presentes na festividade, seja na imagem peregrina que assume a aparência da população local, na culinária servida no almoço do Círio e nas expressões artístico-culturais.

Diante disso tudo, entre as rupturas e continuidades que demarcam os dois cristianismos, as apropriações e conseqüentemente, readaptações foram sendo inseridas nas referidas religiões, onde o Círio de Nazaré é a ponte para que esses elementos se tornem visíveis.

Essa ponte desencadeada pela santa como elemento aglutinador que permite a combinação entre opostos, num clima de reconciliação e equilíbrio social, mesmo que aparentemente (ALVES, 2005), é fundamental para a AD compartilhar a solidariedade que aqui nomeamos de missionária.

Uma Igreja que em um século alcançou grande parte do mundo e se tornou a maior religião evangélica do país não teria alcançado esse feito se não fosse a sua origem missionária impulsionada pelo batismo no Espírito Santo. O batismo como marca identitária da AD, segundo Paula (2013), inicialmente serviu de fôlego para alcançar outros povos com a mensagem até então desconhecida no país, mas com o crescimento exponencial da Igreja surgiram novos desafios para sua institucionalização.

Esse processo, embora tenha ocorrido em meio a tensões a partir da década de 30 do século passado (ALENCAR, 2000; 2012; PAULA, 2013), ainda está marcado por conflitos e

interesses divergentes, como ocorreu recentemente com a divisão da Convenção Geral da Assembleia de Deus no Brasil (CGADB), oficializada em 1946, com a Igreja Mãe (AD de Belém), surgindo a Convenção Nacional da Assembleia de Deus no Brasil em 2017. Além dessa mais recente, em 1989 ocorreu a segunda divisão com o surgimento da Convenção Nacional de Ministros da Assembleia de Deus de Madureira (CONAMAD).

Nesse aspecto, destaca-se a continuidade, bem mais que a ruptura, pois a AD saiu e cresceu inicialmente a partir do protestantismo histórico, depois sofreu impacto da cultura local, algo que já vinha acompanhando o movimento pentecostal desde o início (CAMPOS, 2005). Dessa forma, durante a procissão, a AD esteve com suas portas abertas desde o início, e para isso utilizou como elo de aproximação dos devotos e romeiros o filho, Jesus, e não a mãe, Maria, como resultado de uma operação matemática que pressupõe objetividade e certeza, ou seja, o único resultado possível para eles é Jesus.

Embora não sobrasse espaço para Maria, a mobilizadora da multidão no dia, a AD não deixou de assimilar e adaptar alguns bens simbólicos propriamente utilizados por devotos e romeiros da festa, que de alguma forma estabelecem certa vinculação. Ao dialogar com alguns devotos que entregavam água, todos confirmaram que o que estavam fazendo era resultado de uma graça alcançada, por isso fizeram a promessa a Nazaré que estariam distribuindo água durante o Círio. Mas a AD não reconhece nenhuma vinculação com a festa, então qual seria o motivo da entrega de água?

Outro elemento do Círio são os leques, de papelão, confeccionados com a imagem da santa e no verso, o hino oficial da festa, entregue por devotos, romeiros, patrocinadores, empresas, entre outros, para aplacar o calor intenso que é natural em Belém. A AD também entregou leques. Não somente. Mas junto com um CD com músicas evangélicas selecionadas para aqueles que entrevam na igreja para o café.

Durante a observação participante, não foi presenciado nenhum tipo de proselitismo pessoal, do tipo alguém tentando convencer algum devoto e romeiro a se converter a AD, não que isso não pudesse acontecer, pois estava explícito na camisa, no CD, no ambiente do café e principalmente no leque com o texto bíblico de João 3.16 “Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Ao que parece, a estratégia das equipes da AD foi “capturar” os romeiros com o exemplo da solidariedade durante a recepção dos fiéis na igreja, além da distribuição do CD e outros bens simbólicos apropriados e adaptados do seu projeto Eu + Você = Jesus, exibidos na camiseta dos voluntários.

Dessa forma, a solidariedade dispensada pela AD aos devotos e romeiros durante o Círio de Nazaré consistia de um aparente reconhecimento da festa, nem que fosse por um determinado momento, pairava um clima de conciliação, de aproximação, como se fossem uma comunidade de iguais e que compartilhavam dos mesmos propósitos. Mas após a passagem da Santa, o movimento na Igreja mudou e foi possível escutar várias vozes em oração de “agradecimento, de alegria e de gratidão a Jesus pelo trabalho realizado”.

Mesmo com a multidão que ainda caminhava ao lado de fora atrás da imagem, dentro da igreja ouvia-se louvores em outras línguas (a glossolalia é comum às igrejas pentecostais) e até gritos e choros em agradecimento “às possíveis conversões e batismos pelo Espírito Santo que virão” como resultado do trabalho voluntário de recepção dos romeiros. Dessa forma, os fieis da AD pareceram satisfeitos com o avivamento pentecostal e missionário que foi possível de ser cumprido por meio da solidariedade.

Considerações finais

A experiência da solidariedade manifestada pela AD durante o Círio de Nazaré demonstra como as diferenças e interesses pessoais e de grupos podem ser deixados de lado, com o objetivo final de passar a mensagem evangélica de que o “caminho direto ao Pai se dá pelo Filho”. A ideologia comunitária unificadora, aliada à identidade regional e a solidariedade entre movimentos religiosos iniciados em contextos populares marcados pelos opostos (formal/informal, ordem/desordem, sagrado/profano, estrutura/*communitas*) pode acontecer mesmo que Alves (1980; 2005) não tenha se ocupado em sua análise do pentecostalismo.

Sobre isso, Victorasso (2014) ao resenhar a obra “Festa de negro em devoção de branco: do carnaval ao teatro do círio” sob o título “Do encontro de diferentes a uma festa de iguais” retrata profundamente o reconhecimento dos diferentes nem que seja por um dado momento, como no caso o Círio ou a Festa de Nazaré. Durante a festividade, o reconhecimento efêmero da AD que se localiza no percurso traduzido na sentença matemática $Eu + Você = Jesus$ que recupera a ideia *communitas* de igualdade, confirmando as conclusões de Alves (1980; 2005).

Essa efemeridade durou até a passagem da Santa, quando sons ecoaram em forma de agradecimento e de reavivamento pela solidariedade dispensada aos devotos e romeiros. Momento oportuno para que a emoção e a missão da AD contagiassem o grupo, com

movimentos livres, línguas estranhas, batismo com o Espírito Santo e a *salvação de almas*, confirmando a ruptura com o Círio, pois a Santa já tinha passado e o caminho estava aberto.

Referências bibliográficas:

ALENCAR, Gideon Freire de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus*. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). Dissertação de mestrado. Universidade Metodista de São Paulo. Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2000. Disponível em: <https://haroldoxsilva.files.wordpress.com/2014/12/assembleia-de-deus-origem-implantac3a7c3a3o-e-militc3a2ncia-1911-1946-por-gedeon-freire-de-alencar-umesp-2000.pdf>. Acesso em 10 de 2017.

_____. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia (1911-2011)*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião: São Paulo, 2012.

ALVES, Isidoro Maria da Silva. *O carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré*, em Belém. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

_____. *A festiva devoção no círio de nossa senhora de Nazaré*. Estudos Avançados 19 (54), 2005, p. 315-332.

ARAÚJO, Patrício C.; LUCENA, Francisco A. de; VERGOLINO, Maria C. P. *As águas de Nazaré: análise psico-antropológica da simbologia afro-religiosa presente na festa de nossa senhora de Nazaré em Belém do Pará*. Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR, Juiz de Fora, MG, 15 a 17/04/2015. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/846/735>. Acesso em 10 de 2017.

AZEVEDO, Josimar da S. *Círio de Nazaré: a festa da fé como comunhão solidária: uma análise teológica a partir da concepção de Juan Luís Segundo*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), 2008. Disponível em: <http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/160813-8EhuOMTQ0iZSt.pdf>. Acesso em 08 de 2017.

CAMPOS, Leonildo Silva. *Abordagens usuais no estudo do pentecostalismo*. Revista de Cultura Teológica, ano III, nº 13, out./dez. 1995, p. 21-35.

_____. *As origens norte americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*. Revista USP, set./nov., 2005, p.100-115. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13458/15276>. Acesso em 10 de 2017.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. “Onde a luta se travar”: a expansão das assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980). Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista. São Paulo: UNESP, 2015, 358 f. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132222/000851874.pdf?sequence=1>. Acesso em 10 de 2017.

GOMES, Luiz Flávio. *Fatos históricos se misturam com o simbolismo da fé*. In: Diário do Pará. Círio 2017. Caderno 2. Sábado e domingo, Belém-PA, 07 e 08/10/2017.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Dossiê IPHAN I: círio de Nazaré*. Rio de Janeiro, RJ: IPHAN, 2006.

MUSEU NACIONAL DA ASSEMBLEIA DE DEUS (MNAD). Centenário da assembleia de Deus. Belém/PA: Centro de Pesquisas, 2011.

PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PAULA, Wesley Américo Bergamin Granado de. “*Assembleia de Deus avante vai!?*” Transformações e tensões na construção da identidade da igreja evangélica da assembleia de Deus no Brasil (1911-1980). Dissertação em História Social. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. Londrina: UEL, 2013, 205f. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mesthis/WesleyABGPaula.pdf>. Acesso em 10 de 2017.

TINHORÃO, Jose Ramos. *Festa de negro em devoção de branco: do carnaval na procissão do teatro no círio*. São Paulo: UNESP, 2012.

VICTORASSO, Pedro Henrique. *Do encontro de diferentes a uma festa de iguais: uma análise da sociedade portuguesa nas festas entre o século XV e XX*. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 7, n. 1, jan./jun. 2014, p. 202-207. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/viewFile/15004/11579>. Acesso em 10 de 2017.

Web sites:

<http://adbelem.org.br/portal/>. Acesso em 10 de 2017.

<https://www.cgadb.org.br/site2017/index.php>. Acesso em 10 de 2017.